

Introdução: O processo de leitura pelo indexador

Mariângela Spotti Lopes Fujita
Roberta Caroline Vesu Alves
Carlos Cândido de Almeida
(orgs.)

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

FUJITA, M. S. L., ALVES, R. C. V., and ALMEIDA, C. C. Introdução: O processo de leitura pelo indexador. In.: FUJITA, M. S. L., ALVES, R. C. V., and ALMEIDA, C. C., eds. *Modelos de leitura documentária para indexação: abordagens teóricas interdisciplinares e aplicações em diferentes tipos de documentos* [online]. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2020, pp. 16-65. ISBN: 978-65-8654-607-1. Available from: <http://books.scielo.org/id/96v3r>. <https://doi.org/10.36311/2020.978-65-86546-07-1>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

INTRODUÇÃO

O PROCESSO DE LEITURA PELO INDEXADOR

1

A LEITURA EM ANÁLISE DE ASSUNTO PARA IDENTIFICAÇÃO E SELEÇÃO DE CONCEITOS: ORIENTAÇÕES A TODOS LEITORES COM OBJETIVO DE INDEXAÇÃO

Mariângela Spotti Lopes FUJITA

RESUMO: A leitura em Análise Documental e indexação apresentam processos de certa forma similares para análise de assunto com a finalidade de identificação de seleção de conceitos representativos do documento e de modo a satisfazer as necessidades de informações dos usuários. A identificação e seleção de conceitos e os modelos de leitura que apoiam esse processo para a análise de assunto são influenciados pelas variáveis de leitor, texto e contexto. Na leitura documental, o exame da estrutura e tipologia do documento, a busca compreensão e identificação de conceitos, obtém o como resultado da leitura a seleção dos conceitos. O indexador torna-se um leitor interativo com o texto a partir de estratégias para facilitar a compreensão, é consciente da política e objetivos institucionais que interfere na seleção de conceitos e realização da representação de necessidades informacionais dos usuários.

PALAVRAS-CHAVE: Leitura documental. Análise de assunto. Modelo de leitura. Análise Documental. Indexação.

ABSTRACT: The reading in Documentary Analysis and Indexing presents some similar processes for subject analysis with purpose of identifying the selection of representative concepts of document and in order to satisfy information needs of users. The identification and selection of concepts and reading models that support this process for subject analysis are influenced by variables of reader, text and context. In documentary reading, the examination of structure and typology of document, the search for understanding and identification of concepts, presents the result of reading is selection of concepts. The indexer is an interactive reader with text from strategies to facilitate understanding, is aware of policy and institutional objectives that interferes in selection of concepts and realization of representation of information needs of users.

KEYWORDS: Documentary reading. Subject analysis. Reading model. Documentary Analysis. Indexing.

1 INTRODUÇÃO

A existência de diferentes correntes teóricas explica o uso de termos como “análise de assuntos”, “análise de conteúdos documentais” e “análise documental”. Observa-se que os termos “Indexação”, “Indexador” e “Análise de assunto” aparecem com mais frequência do que “Análise documental” e “Documentalista”. Nas buscas por assunto em bases de dados os termos “Indexing” e “Indexer” tem mais revocação de conteúdos informacionais e documentais do que os termos “Documentary analysis” ou “Documentalist”, o que justifica uma boa quantidade de publicações utilizando aquela nomenclatura.

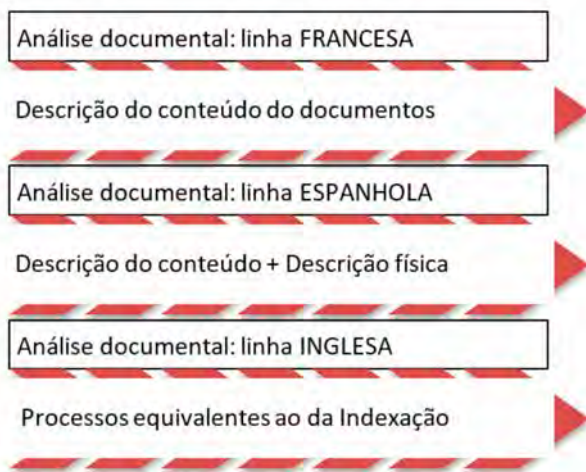
A expressão “Análise documental” veio da linha teórica francesa cujo idealizador é Jean-Claude Gardin. Gardin (1981, p. 29), conceituou a Análise Documental como “[...] um conjunto de procedimentos efetuados com a finalidade de expressar o conteúdo de documentos científicos, sob formas destinadas a facilitar a recuperação da informação.”.

Segundo essa concepção, a Análise documental realiza a descrição do conteúdo documental para um tratamento temático. No Figura 1 é possível visualizar a existência de vertentes teóricas da Análise Documental que tiveram origens em países de línguas latina e anglo-saxônica. Na vertente teórica espanhola, a Análise Documental, representada por Pinto Molina (1993), comporta, além da descrição do conteúdo, a descrição física. Na vertente teórica francesa a Análise documental (GARDIN, 1981) refere-se somente ao tratamento do

conteúdo do documento, não adotando a divisão em forma e conteúdo, ou descrição física e temática do documento.

A vertente teórica inglesa, representada por autores como Foskett (1996), Lancaster (1993), Van Slype (1991), Farrow (1991), entre outros, faz uso da expressão indexação, entendendo-a como um processo.

Figura 1 - Vertentes teóricas da Análise Documental



Fonte: Elaborado pela autora.

Consideramos que, análise documental e indexação compreendem processos similares, incluindo-se a análise de assuntos como etapa inicial da indexação. A análise de assuntos é um processo de organização do conhecimento (HJØRLAND, 2016) que necessita ser realizado mediante leitura, seja humana ou por máquina.

Em estudo de Guimarães (2008) sobre correntes teóricas, o Tratamento Temático da Informação (TTI) é considerado um campo conceitual articulado à Organização do Conhecimento (GUIMARÃES; FERREIRA; FREITAS, 2012) que abarca três linhas teóricas: a da catalogação de assunto (*subject cataloguing*), de influência norte-americana, a da indexação (*indexing*), de influência inglesa e a da análise documental (*analyse documentaire*), de influência francesa (Figura 2). Portanto, no campo conceitual do Tratamento temático convivem, com autonomia

teórica e metodológica, tanto a Indexação (linha teórica inglesa), quanto a Análise Documental (linha teórica francesa).

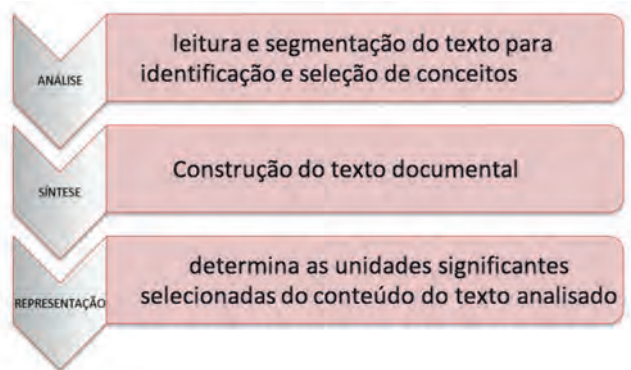
Figura 2 -Linhas teóricas do Tratamento Temático

LINHAS TEÓRICAS DO TRATAMENT O TEMÁTICO	Catologação de assunto (<i>subject cataloguing</i>), de influência norte-americana
	Indexação (<i>indexing</i>), de influência inglesa
	Análise documental (<i>analyse documentaire</i>), de influência francesa

Fonte: Elaborado pela autora com base em Guimarães (2008).

No Tratamento Temático se realizam os processos de descrição de conteúdos documentais. A análise documental, assim como a indexação e a catalogação de assuntos, são processos realizados mediante operacionalização de duas etapas fundamentais: a análise e a representação (ou tradução) (CHAUMIER, 1986; LANCASTER,1993; MAI, 2000). A primeira etapa, a análise, compreende a leitura e segmentação do texto para identificação e seleção de conceitos (vide Figura 3).

Figura 3 - Operações da análise documental e indexação



Fonte: Elaborado pela autora.

Conscientes da importância da leitura e de suas variáveis para o desenvolvimento do potencial do leitor documentalista passaremos a analisar as operações de identificação e seleção de conceitos realizada na primeira etapa da análise. Essas operações são fundamentais na análise e se realizam por meio da leitura do documentalista.

2 IDENTIFICAÇÃO E SELEÇÃO DE CONCEITOS

Vamos agora nos deter nessa primeira etapa da análise porque existem procedimentos muito específicos para realizar a identificação e seleção de conceitos que resultam em representações documentárias cuja importância impactam os resultados dos processos de indexação, classificação e elaboração de resumos.

Antes, porém, de explicarmos essas duas operações, precisaremos entender o que é conceito e qual a sua importância.

A explicação mais simples para conceito é, a formulação de uma ideia por palavras. O conceito *ação* é definido mais especificamente como: *processo sofrido por algo ou alguém*. A proposta é que o conceito ação, por ser universal, pode identificar palavras que o representem em qualquer texto. Isso significa que o conceito *ação* poderá ser identificado por uma palavra no texto, que dependerá do contexto para identificá-la com a ideia de *ação*. Mas, vamos ver um exemplo para que possamos entender mais diretamente.

Examinemos o resumo abaixo e veremos que o conceito *ação* no texto 1 será identificado pela palavra *Ensino* conforme proposição do resumo (Quadro 1):

Quadro 1 - Resumo de artigo científico - 1

Texto 1:

CORREIA, Marisa, FREIRE, Ana. **Trabalho laboratorial e práticas de avaliação de professores de ciências físico-químicas do ensino básico**. *Ens. Pesqui. Educ. Ciênc. (Belo Horizonte)* [online]. 2009, vol.11, n.1, p.160-191. ISSN 1415-2150. <http://dx.doi.org/10.1590/1983-21172009110110>.

Na última década em Portugal, tem-se assistido a uma mudança nos currículos de ciências e nas orientações curriculares dirigidas à avaliação. Neste contexto, pretendeu-se caracterizar as perspectivas de ensino e aprendizagem de professores de Ciências Físico- Químicas do Ensino Básico, analisando o trabalho laboratorial que desenvolvem e as formas de o avaliar. Este estudo envolveu três professores em início de carreira. Para a recolha de dados recorreu-se a entrevistas, a observação de aulas e a documentos. Os resultados sugerem que o trabalho laboratorial não é frequente nas aulas dos participantes e quando implementado apresenta um carácter verificativo e demonstrativo. Os professores demonstraram dificuldades na avaliação das aprendizagens dos alunos, o que é coerente com uma perspectiva de ensino e aprendizagem tradicional.

PALAVRAS-CHAVE: Trabalho laboratorial; avaliação; perspectivas de ensino e aprendizagem.

Fonte: Scielo periódicos.

Mas, no texto 2, o conceito ação será identificado pela palavra *Política Pública* conforme objetivo do artigo presente no resumo (Quadro 2):

Quadro 2 - Resumo de artigo científico - 2

Texto 2:

FIGUEIREDO, Jacqueline de Sousa Batista, LOPES, Jairo de Araujo. **Políticas educacionais de formação continuada e o programa de desenvolvimento profissional de Minas Gerais.** *Ens. Pesqui. Educ. Ciênc. (Belo Horizonte)* [online]. 2009, vol.11, n.1, p. 119-139. ISSN 1415-2150. <http://dx.doi.org/10.1590/1983-21172009110108>.

Este trabalho tem por objetivo analisar a implementação de uma **política pública** mineira do Projeto Escolas-Referência com o Programa de Desenvolvimento Profissional de Educadores - PDP - desenvolvido na jurisdição da Superintendência Regional de Ensino de Poços de Caldas-MG no contexto das políticas públicas, nos âmbitos federal e estadual, de capacitação continuada. O Programa tem a pretensão de inserir o professor como construtor e reconstrutor de seu percurso formativo e profissional por meio do desenvolvimento de atividades, do acompanhamento e suporte pedagógico para a implementação das novas propostas curriculares - a conjectura do Currículo Básico Comum. Mediante análise bibliográfica e documental, e de depoimento de quatro docentes participantes ativos do processo, refletiu-se, a partir de referências teóricas referentes a políticas públicas, sobre inquietações decorrentes da implementação da nova proposta no meio escolar, buscando conhecer os pontos que representam avanços e obstáculos do PDP.

PALAVRAS-CHAVE: Políticas públicas; formação continuada; currículo escolar.

Fonte: Scielo periódicos

Vejam, então, que o conceito *ação* pode ser identificado tanto no texto 1 quanto no 2, todavia, com palavras diferentes. Com a análise por conceitos asseguramos uniformidade de identificação de conceitos em qualquer texto e de compreensão global do texto que, de outra forma, não seria possível, por não termos parâmetros de compreensão em áreas de assunto especializadas e diversas. Mais do que isso, o conceito *ação* é universal, ou seja, o leitor poderá compreender seu significado aplicado a qualquer texto.

Outra proposta interessante do uso de conceitos é utilizar um questionamento durante a leitura do texto para identificação de palavras representativas.

A identificação de conceitos, segundo a norma (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS, 1992, p. 2), é realizada após o exame do documento e de suas partes, quando, então, o leitor indexador deverá seguir uma abordagem sistemática para a identificação daqueles conceitos que são elementos essenciais na análise do assunto. A abordagem sistemática é um questionamento para melhor extrair conceitos enquanto estiver fazendo a leitura das partes do texto:

- a) O documento possui em seu contexto um objeto sob efeito de uma atividade?
- b) O assunto contém um conceito ativo (por exemplo, uma ação, uma operação, um processo, etc)?
- c) O objeto é influenciado pela atividade identificada?
- d) O documento possui um agente que praticou esta ação?
- e) Este agente refere-se a modos específicos para realizar a ação (por exemplo, instrumentos especiais, técnicas ou métodos)?
- f) Todos estes fatores são considerados no contexto de um lugar específico ou ambiente?
- g) São identificadas algumas variáveis dependentes ou independentes?

h) O assunto foi considerado de um ponto de vista, normalmente não associado com o campo de estudo (por exemplo, um estudo sociológico ou religioso)?

(Associação brasileira de normas técnicas, 1992, p. 2).

A primeira questão, por exemplo, deverá identificar no texto a presença do conceito *objeto*; a segunda, a *ação*; a terceira, se o *objeto* identificado sofre influência da *ação*; a quarta, o *agente* que praticou a *ação* e assim por diante...

Os conceitos *ação*, *objeto* e *agente* são conceitos essenciais que, juntos, representam o tema de um texto. É possível que um texto tenha os três conceitos juntos, como no enunciado abaixo, mas, nem sempre existe um *agente*. Entretanto, os conceitos *ação* e *objeto* são obrigatoriamente identificados:

Exemplo: Destruição da lavoura de café pela geada

Ação: Destruição; *Objeto*: lavoura de café; *Agente*: geada

Existem outras propostas de questionamentos para identificação de conceitos, como por exemplo o do sistema de indexação PRECIS (*PRE*served in Context Indexing System), idealizado por Derek Austin na década de 70.

Trabalhando em torno de “conceitos universais”, o sistema PRECIS recomenda, para a etapa de identificação de conceitos da análise de assunto, uma análise conceitual baseada na interrogação do texto (Quadro 3):

Quadro 3 - Análise conceitual do PRECIS

- O QUE ACONTECEU? (*AÇÃO*)
- A QUE OU A QUEM ISTO ACONTECEU? (*OBJETO DA AÇÃO - SISTEMA CHAVE*)
- O QUE OU QUEM FEZ ISTO? (*AGENTE DA AÇÃO*)
- ONDE ACONTECEU? (*LOCAL*)

Fonte: Fujita (1999).

Com base em utilização instrumental do sistema de indexação PRECIS como recurso didático operatório Fujita (1999) elaborou modelo para análise e compreensão literal de leitura. A explicação desses procedimentos aos alunos, informantes da experiência, foi realizada mediante formulário contendo descrição e uso da metodologia PRECIS. Leia os procedimentos abaixo e realize os procedimentos com um texto de jornal:

Procedimentos para análise conceitual do PRECIS:

- ☉ Esta atividade que você desenvolverá, a partir de agora, será uma experiência para observar seu desempenho após ter analisado o texto que você tem em mãos.


TEXTO: TEIXEIRA, Francisco M. P., DANTAS, J. História do Brasil da colônia à república. 2. ed. São Paulo: Moderna, 1979. p. 141.

COMPARAÇÃO DA ECONOMIA MINEIRA E AÇUCAREIRA

(...) Se bem que a renda média da economia mineira haja estado por baixo da que conhecera a região do açúcar, seu mercado apresentava potencialidades muito maiores. Suas dimensões absolutas eram superiores, pois as importações representavam menor proporção do dispêndio total. Por outro lado - e isto constituiu o aspecto principal do problema - a renda estava muito menos concentrada, porquanto a proporção da população livre era muito maior. A estrutura do mercado teria que ser necessariamente diversa, ocupando um espaço muito mais significativo os bens de consumo corrente e ocorrendo o contrário aos artigos de luxo. Demais, a população, se bem que dispersa num território grande, estava em grande parte reunida em grupos urbanos e semi-urbanos. Por último, a grande distância existente entre a região mineira e os portos contribuía para encarecer relativamente os artigos importados. Esse conjunto de circunstâncias tornava a região mineira muito mais propícia ao desenvolvimento de atividades ligadas ao mercado interno do que havia sido até então a região açucareira. Contudo, o desenvolvimento endógeno - isto é, com base no seu próprio mercado - da região mineira foi praticamente nulo. É fácil compreender que a atividade mineratória haja absorvido todos os recursos disponíveis na etapa inicial. É menos fácil explicar, entretanto, que, uma vez estabelecidos os centros urbanos, não se hajam desenvolvido suficientemente atividades manufatureiras de grau inferior, as quais poderiam expandir-se na etapa subsequente de dificuldades de importação. Tem-se buscado explicação para esse fato na política portuguesa, uma de cujas preocupações era dificultar o desenvolvimento manufatureiro da colônia. Entretanto, o decreto de 1785 proibindo qualquer atividade manufatureira não parece haver suscitado grande reação, sendo mais ou menos evidente que o desenvolvimento manufatureiro havia

sido praticamente nulo em todo o período anterior de prosperidade e decadência da economia mineira. A causa principal possivelmente foi a própria incapacidade técnica dos imigrantes para iniciar atividades manufatureiras numa escala ponderável.

FURTADO, Celso. **Formação Econômica do Brasil**. São Paulo: Ed. Fundo de Cultura, 1965. p. 98-99.

 Para que você possa fazer esta experiência será preciso observar as seguintes instruções para a leitura de cada texto:

1. Faça uma leitura do texto;
2. Sublinhe palavras ou conjunto de palavras que você considera importantes para expressar a ideia do texto;
3. Tente expressar a ideia principal do texto com uma frase;
4. Identifique os conceitos do texto fazendo um questionamento com as seguintes perguntas:
 - QUE ACONTECEU? (AÇÃO)
 - A QUE OU A QUEM ISTO ACONTECEU? (OBJETO DA AÇÃO - SISTEMA CHAVE)
 - QUE OU QUEM FEZ ISTO? (AGENTE DA AÇÃO)
 - ONDE ACONTECEU? (LOCAL)

Se considerarmos como exemplo o texto “Comparação da economia mineira e açucareira”, veremos que seguindo as etapas de análise de assunto e identificação de conceitos, procederemos da seguinte forma:

a) assunto: economia mineira no período colonial brasileiro

b) identificação de conceitos por questionamento:

O QUE ACONTECEU? - Análise da Economia (AÇÃO)

A QUE ACONTECEU, OU, ECONOMIA DO QUE? - Mercado interno (OBJETO DA AÇÃO)

DE QUE? - Atividades manufatureiras (PARTE DO OBJETO DA AÇÃO)

QUANDO? - Período colonial (TEMPO/DATA)

ONDE? - Minas Gerais, Brasil (LOCALIDADE GEOGRÁFICA)

5. Escreva uma frase unindo todos os conceitos na mesma ordem que você os retirou do texto por meio das perguntas respondidas acima. Por exemplo:

Seguindo a ordem dos conceitos retirados do texto, obtenho a seguinte sequência:

“Análise da economia de atividades manufatureiras do mercado interno do período colonial de Minas Gerais no Brasil”

Tal como o Sistema de Indexação PRECIS, é possível pensarmos em conceitos relacionados às questões da Norma ABNT 12676 (1992) conforme Quadro 1.13:

Quadro 4 - Conceitos relacionados ao questionamento

QUESTIONAMENTO NORMA ABNT 12676 (1992)	CONCEITOS UNIVERSAIS RELACIONADOS
O documento possui em seu contexto um objeto sob efeito de uma atividade?	<i>Objeto</i>
O assunto contém um conceito ativo (por exemplo, uma ação, uma operação, um processo, etc?)	<i>Ação</i>
O objeto é influenciado pela atividade identificada?	<i>Ação + Objeto</i>
O documento possui um agente que praticou esta ação?	<i>Agente</i>
Este agente refere-se a modos específicos para realizar a ação (por exemplo, instrumentos especiais, técnicas ou métodos?)	<i>Métodos, instrumentos, técnicas</i>
Todos estes fatores são considerados no contexto de um lugar específico ou ambiente?	<i>Local ou Ambiente</i>
São identificadas algumas variáveis dependentes ou independentes?	<i>Causa e efeito</i>
O assunto foi considerado de um ponto de vista, normalmente não associado com o campo de estudo (por exemplo, um estudo sociológico ou religioso?)	<i>Ponto de vista do autor</i>

Fonte: ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS (1992).

A leitura realizada para realizar a análise assunto de um texto tem a finalidade de representá-lo por palavras significativas que serão acessadas por um usuário e para isso utiliza o processo de identificação de conceitos. Entretanto, necessita conhecer a localização dos conceitos na estrutura textual para questionar e identificar. A localização dos conceitos é realizada pela exploração da estrutura textual, estratégia metacognitiva que o leitor documentalista pode utilizar para acelerar a leitura documentária e atingir seu objetivo de identificação de conceitos.

Ainda que, a Norma ABNT 12.676 não explicita quais questões seriam mais indicadas para cada parte do texto é possível prever a localização de cada conceito.

Dentro do item Identificação de conceitos já referida, a norma (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS, 1992, p. 3) inclui a seleção de termos, recomendando que o

Indexador não precisa, necessariamente, representar como termos de indexação, todos os conceitos identificados durante o exame do documento. Os conceitos deverão ser selecionados ou rejeitados de acordo com os propósitos para os quais os termos serão usados.

É necessário esclarecer que a seleção de conceitos deve ser realizada durante a leitura documentária. Isso porque o leitor indexador tem em mente qual palavra identificadora de conceito é mais significativa ou não para a comunidade usuária. Ao mesmo tempo em que identifica conceitos com base na compreensão do texto (garantia literária), seleciona os conceitos identificados com base no uso que terão para a comunidade usuária (garantia de uso)

A leitura documentária deve ser bem estruturada para realizar a “identificação de conceitos”, significando que a definição dos termos escolhidos para representar o documento deve satisfazer a necessidade da demanda da comunidade usuária.

Um dos pontos mais importantes dessa seção está na explicitação de que existem duas operações distintas utilizadas pelos leitores durante a leitura documentária: *Identificação de conceitos* e *Seleção de conceitos*. É muito importante saber que são realizadas *durante* e não *após* a leitura.

Portanto, a tradução das palavras que representam conceitos em descritores da linguagem do sistema deve ser feita após a leitura e não durante

a leitura, para que a análise seja conceitual e compreensiva. É preciso ficar claro que as linguagens documentais utilizadas na etapa de representação não podem ser utilizadas na etapa de análise, na qual é realizada a leitura documentária. A preservação do conteúdo do documento é uma garantia de relevância de recuperação, objetivo da boa análise de assuntos.

Acreditamos que estudos sobre leitura poderão causar importante influência sobre o desempenho de leitores que realizam Análise Documental e contribuir para a formação de leitores e melhorar o uso de metodologias de análise documental. Por isso, é necessário compreender o processo de leitura para atingir objetivos profissionais.

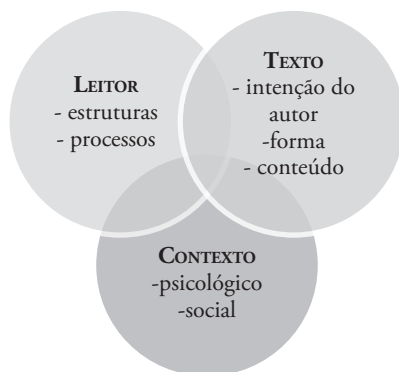
Segundo Kleiman (2000), a leitura é um *ato individual* realizado por um leitor apenas, porém é também um *ato social* porque existe um processo de comunicação entre o *leitor* e o autor do *texto*, ambos com objetivos estabelecidos anteriormente dentro do *contexto* de cada um.

O estudo sobre leitura documentária leva em consideração a análise de suas variáveis na perspectiva do contexto profissional de Indexação visando compreender as dificuldades de análise de assunto de textos.

3 O PROCESSO INTERATIVO ENTRE AS VARIÁVEIS DA LEITURA: TEXTO, LEITOR E CONTEXTO

A compreensão envolve três importantes componentes que interagem entre si: o leitor, o texto e o contexto:

Figura 3- Modelo contemporâneo da compreensão na leitura



Fonte: Giasson (1993, p. 21).

A figura 3 demonstra a interação entre as três variáveis no processo de compreensão de leitura:

- O **leitor**, no processo de compreensão, corresponde às estruturas (esquemas) do sujeito e os processos (estratégias) de leitura que ele utiliza.
- O **texto** corresponde ao material a ser lido e apresenta os seguintes aspectos: a intenção do autor, a estrutura e o conteúdo.
- O **contexto** corresponde aos elementos extratexto, que podem influenciar na compreensão da leitura: o **contexto psicológico** (intenção de leitura, interesse pelo texto...), o **contexto social** (por exemplo, as intervenções dos professores e dos colegas...) e o **contexto físico** (o tempo disponível, o barulho...).

Nessa proposta da leitura como comunicação (Figura 3), Cavalcanti (1989) e Giasson (1993) acreditam em um processo interativo entre três variáveis: o leitor, o texto contendo as ideias do autor e o contexto. Como processo interativo, realiza-se a partir do relacionamento entre os componentes e deverá variar de acordo com o grau de relação entre eles. Os componentes, então, durante o processo interativo, tornam-se variáveis e, quanto mais interligadas estiverem durante a leitura, melhor será o nível de compreensão.

A leitura documentária será examinada a partir da visão interacionista, direcionando seu enfoque para cada uma das três variáveis:

- Texto: estrutura textual na leitura documentária;
- Leitor: o analista documental (indexador, resumidor, classificador) como leitor profissional;
- Contexto: a análise documental em sistemas de informação.

3.1 A VARIÁVEL TEXTO

O conceito de texto pode ser entendido sob dois aspectos (KOCH, 2002):

- Cognitivo: é a representação mental do autor a ser captada pelo leitor;

- Língua como código: instrumento de comunicação codificado pelo emissor (autor) para decodificação pelo receptor (leitor) com conhecimento do código

O texto pode influenciar na compreensão do leitor quando utiliza recursos apelativos que mexem com seu emocional, omite informações relevantes sobre o assunto, quando o texto está impresso em letras pequenas demais que dificultam a leitura, ou a escrita apresenta problemas como orações muito complexas ou curtas demais, ou ainda, incoerentes.

Em função da leitura como processo comunicativo é preciso destacar o princípio cooperativo de Grice (1982), considerado como base de toda comunicação humana. Segundo esse princípio, o autor no momento da escrita deve ter em mente o princípio cooperativo para que o leitor possa compreender suas ideias, que estão representadas no texto, a fim de garantir que a leitura seja um ato comunicativo coerente.

Vale ressaltar que o conhecimento linguístico e textual deverá facilitar sobremaneira a escrita, para o autor, e a leitura, para o leitor.

3.1.1 DESCOBRINDO A IDEIA PRINCIPAL DO TEXTO

O objetivo mais importante do processo de Análise Documental é descobrir a ideia principal. Segundo Van Dijk (1992), o que o leitor procura durante a leitura é a informação importante, podendo esta variar de um leitor para outro. Em vista disso, são consideradas duas categorias de informação importantes, a saber:

- Informação *textualmente* importante considerada pelo autor;
- Informação *contextualmente* importante considerada pelo leitor mediante a sua intenção de leitura.

Cavalcanti (1989), ao descrever a importância do princípio de relevância na comunicação entre o autor e o leitor, chama isso de saliência-autor/relevância-leitor:

- ✓ Saliência-autor: ideias que *o autor* salienta no texto e à
- ✓ Relevância-leitor: as ideias que *o leitor* escolhe para interagir durante a leitura.

Para Giasson (1993), a informação importante pode ser tanto a ideia principal apresentada no texto pelo autor, como também o assunto tratado de forma global.

A ideia principal varia de acordo com a estrutura textual, por exemplo: num texto narrativo a ideia principal pode ser um acontecimento ou a sua interpretação; num texto informativo pode ser uma regra, um conceito, ou uma generalização.

Quando a ideia principal aparece implícita, o leitor deve inferi-la com base nas informações fornecidas pelo texto e no seu conhecimento prévio sobre o assunto. Pelo exposto, observando-se a variável texto do processo de leitura, numa perspectiva macro, é possível notar que os textos apresentam uma estrutura com as partes informacionais que os compõem organizadas numa sequência lógica diferenciada de uma tipologia textual para outra. No texto técnico-científico, Tálamo (1987) reconhece a identificação do tema no “objetivo” do trabalho, o que equivale à ideia principal do texto.

Esse tipo de conhecimento prévio pelo leitor (de estruturas textuais) possibilita-lhe identificar a parte do texto que traz a ideia principal, fato que o auxilia a compreender, de forma global, o texto e a realizar uma leitura mais objetiva, pois já conhece as partes que tem a explorar e os conceitos pertencentes a cada parte, chegando, dessa forma, ao tema do texto.

Uma dica importante para identificação do tema é fazer o questionamento por categorias temáticas visto na seção 2:

- ✓ Categoria essencial: o que?;
- ✓ Categorias acessórias: quando? onde? como?

A organização do texto é também uma dica valiosa para leitores que realizam análise de assunto. Para Kobashi (1994), a extração de informação documentária para produzir resumos e índices pode ser eficiente se o indexador conhecer a superestrutura textual, ou seja, como o texto está organizado. E, enquanto paradigma de organização textual, o esquema, ou superestrutura, fornece uma base para a interpretação do texto.

Kato (1986) salienta que a superestrutura textual é fundamento para a compreensão da leitura e que, em vista disso, tanto o leitor quanto o autor devem conhecer o formato de texto:

- * o leitor, para buscar a compreensão, identificando assim, o tipo de informação que deverá encontrar;
- * o autor, para optar por esta ou aquela estrutura textual na exposição de suas ideias.

3.1.2 O TEXTO CIENTÍFICO: TIPOLOGIA E ESTRUTURA TEXTUAL

Na leitura existe um forte componente cognitivo e um dos suportes essenciais à compreensão é, portanto, o conhecimento textual: sua tipologia e estrutura.

O texto, além de uma estrutura linguística, possui uma estrutura de significado que somente “aparece” quando o leitor faz uma leitura compreensiva.

Cada texto possui suas próprias convenções de apresentação, tipografia e estilo que os torna distinto de outros. Assim, livros-textos não possuem os mesmos esquemas que os artigos de jornais, poemas, cartas etc.

Essas distintas características de estruturas para a organização do conteúdo textual fornecem importantes subsídios ao conhecimento de leitores e escritores, facilitando a previsão.

IMPORTANTE - Quanto mais o leitor se familiariza com diferentes tipos de texto, mais experiente e hábil se torna para ler variadas espécies de textos.

Desse modo, a leitura pode ocorrer num romance, no texto científico, na receita culinária e numa consulta à lista telefônica, uma vez que todos são caracterizados como textos.

Kato (1986) classifica os tipos de estrutura textual como (Quadro 5):

Quadro 5 - Estruturas textuais: formatos e tipos

FORMATO DA ESTRUTURA TEXTUAL	TIPOS DE ESTRUTURA TEXTUAL
- <u>Forma Piramidal:</u>	<i>Estrutura do texto jornalístico:</i> começa com a ideia principal e geral, para depois ir dando os detalhes e os particulares.
- <u>Forma Argumentativa:</u>	<i>Estrutura de argumentos científicos e legais:</i> começa com uma introdução, definição do problema, solução proposta, argumentos a favor e contra, refutação de argumentos contrários, conclusão.
- <u>Formato de Eliminação:</u>	<i>Estrutura do texto científico:</i> monta um argumento, eliminando sucessivamente várias propostas até chegar à sua ou descreve vários acontecimentos para justificá-los no conjunto somente no fim.
- <u>Formato de uma Narrativa:</u>	<i>Estrutura de textos de estórias:</i> “privilegiado por estruturar estórias, é usado para descrever o que foi pensado e feito em uma sequência temporal, como uma narrativa típica.”

Fonte: Elaborado pela autora.

Quanto ao texto científico, em específico, Pinto e Gálvez ([1996], p. 23), estabelecem sua caracterização a partir de:

- uma estrutura esquemática estereotipada, que contém objetivo, metodologia, resultados e conclusões;
- um estilo cuidadoso e altamente formalizado;
- objetividade do conteúdo, de acordo com a realidade científica;
- emprego de um linguagem científica diferente da linguagem habitual;
- prioridade ao implícito, ao conhecido, à informação acumulada durante o desenvolvimento da humanidade e,
- a própria essência como criação humana.

Kobashi (1994, p. 114-116) classifica os textos mediante suas estruturas esquemáticas e apresenta a seguinte organização básica para o texto científico (Quadro 6):

Quadro 6 - Organização do texto científico

CATEGORIAS	NATUREZA DE CADA CATEGORIA
Problema	Indagação
Hipótese	Conjetura
Metodologia	Observação
Resultado	Interpretação
Conclusão	

Fonte: Elaborado pela autora.

Vejamos agora um texto científico no formato de resumo de um artigo científico e a ideia principal (Quadro 7) comparado ao formato de um artigo de jornal (Quadro 8):

Quadro 7 - Resumo estruturado de artigo científico

Acta Paulista de Enfermagem
versão On-line ISSN 1982-0194
Resumo

OLIVEIRA, Josiana Araujo de et al. **Impacto do monitoramento telefônico em pacientes com insuficiência cardíaca: ensaio clínico randomizado.** *Acta paul. enferm.* [online]. 2017, vol.30, n.4, pp.333-342. ISSN 1982-0194. <http://dx.doi.org/10.1590/1982-0194201700050>.

Objetivo - IDÉIA PRINCIPAL

Analisar o autocuidado e o conhecimento em pacientes com insuficiência cardíaca monitorados por contato telefônico e analisar a correlação do conhecimento com o autocuidado.

Métodos

Ensaio clínico randomizado, realizado em uma clínica especializada, no período de abril de 2015 a dezembro de 2015. Foram monitorados e randomizados 36 pacientes no Grupo Controle (17) ou no Grupo Intervenção (19). Ambos os grupos participaram do monitoramento convencional, compreendendo três atendimentos (Basal; 2º mês; 4º mês); no Grupo Intervenção houve associação do monitoramento telefônico por meio de um

guia padronizado. Foram utilizados os Questionários de Conhecimento e de Autocuidado para avaliação dos desfechos primários e secundários.

Resultados

Houve diferença no conhecimento ($12,7 \pm 1,7$ vs. $10,8 \pm 2,2$; $p=0,009$) e autocuidado ($25,4 \pm 6,6$ vs. $29,5 \pm 4,8$; $p=0,04$) no 4º mês; correlação negativa entre os escores do conhecimento e autocuidado no 2º mês ($r=-0,48$; $p=0,03$).

Conclusão

O monitoramento convencional combinado ao monitoramento telefônico mostrou-se eficaz no 4º mês com a melhoria do conhecimento e autocuidado de pacientes com insuficiência cardíaca e correlação significativa desses desfechos no 2º mês.

Palavras-chave: Insuficiência cardíaca; Monitoramento; Telefone; Continuidade da assistência ao paciente.

Fonte: Elaborado pela autora a partir de Oliveira et. al. (2017).

Quadro 8 - Estrutura de artigo de jornal

Voto religioso só guia 2 entre 10 brasileiros, diz Datafolha

ANNA VIRGINIA BALLOUSSIER

DE SÃO PAULO

EDUARDO MOURA

COLABORAÇÃO PARA A FOLHA

23/10/2017 02h00

[IDÉIA PRINCIPAL E GERAL] A maioria dos brasileiros –8 em cada 10– diz que não costuma levar em conta a opinião de seus líderes religiosos quando eles fazem campanha por algum candidato, mostra pesquisa Datafolha (que não computou os 8% que declaram não ter religião).

Entre os 19% que consideram as recomendações de seus guias de fé, 4% o fazem apenas se o pleiteante ao cargo for ligado à sua igreja.

A parcela evangélica que dá ouvidos a seus pastores é um pouco mais alta do que a média –26%, taxa que sobe para 31% entre fiéis neopentecostais (fatia que abrange igrejas como Universal e Renascer).

Isso na teoria. Na prática, 9% disseram já ter votado em alguém indicado por sua liderança religiosa, número similar aos 8% verificados em sondagem de quatro anos atrás.

Novamente, evangélicos (16%), sobretudo os neopentecostais (28%), se revelam mais suscetíveis à recomendação de suas congregações. Ainda sim, uma minoria dentro desse universo religioso.

Fonte: <http://www1.folha.uol.com.br/poder/2017/10/1929305-voto-religioso-so-guia-2-entre-10-brasileiros-diz-datafolha.shtml>.

3.2 A VARIÁVEL CONTEXTO

Contexto é uma palavra muito utilizada por todos nós. Mas, se pararmos para pensar nela, veremos que recomenda uma análise mais aprofundada de seu conceito. De forma mais genérica, o contexto é ligado à um fato ou ação. Por exemplo, quando vamos analisar um determinado fato, ocorrência, problema ou mesmo uma situação ou processo sempre começamos por questionar a existência de um contexto que propiciou condições para o desenvolvimento das ações.

Mas, o contexto explica-se melhor no âmbito da Linguística Textual para situar, não só a produção de um texto, mas sua compreensão por leitores. As concepções de contexto referem-se especialmente ao texto e, num âmbito que ultrapassa a Linguística, às condições sob as quais a língua é falada.

Para os nossos propósitos e conscientes da abordagem interacionista assumida para a leitura documentária, o contexto, como anteriormente enunciado por Giasson (1993, p.40), “[...] constitui a terceira variável do modelo de compreensão, engloba todas as condições nas quais se encontra o leitor (com as suas estruturas e processos) quando entra em contato com um texto [...]”

Por isso, o contexto não tem somente uma dimensão, mas três dimensões em que é possível distinguir os contextos psicológico, social e físico. Conforme Giasson (1993, p.40) o contexto psicológico está relacionado com o leitor e seu interesse pelo texto, motivação e intenção de leitura; no social, estão as formas de interação que podem produzir-se no decurso da atividade; e, no físico as condições materiais em que se realiza a leitura.

3.2.1 CONTEXTO PSICOLÓGICO

O *contexto psicológico* será entendido pelos objetivos de leitura documentária do indexador, condição pela qual se realizará a leitura e determinante das intenções de leitura por influenciar os procedimentos.

Os objetivos são relacionados ao trabalho a ser desenvolvido pelo documentalista durante a análise documental e são pertinentes aos objetivos do sistema de informação. Dessa forma, o leitor passa a ser considerado

um leitor profissional quando os objetivos profissionais se sobrepõem aos objetivos pessoais. No caso da leitura documentária, o propósito consiste em extrair a informação relevante do texto, tendo em vista a sua posterior recuperação por um leitor interessado.

Dentre os aspectos cognitivos envolvidos no processo de compreensão da leitura, tais como interesse, tarefa, objetivo, conhecimento, normas, opiniões ou atitudes. Beghtol (1986), afirma que o objetivo no processo de leitura representa o mais forte argumento na compreensão, pois sobrepõe-se a qualquer tipo de estrutura textual.

Dessa forma, se existe a definição de objetivos para a leitura documentária, estes serão facilitadores da compreensão e determinação do assunto do documento.

Em síntese, a leitura do indexador durante a análise de assuntos é guiada pelos seus objetivos e, dependendo de suas habilidades de leitor e dos conhecimentos prévios necessários à atividade de indexação, terá êxito.

3.2.2 CONTEXTO FÍSICO

Um dos aspectos importantes que afetam o desempenho do documentalista na análise documental é o contexto físico dos leitores documentalistas que atuam em sistemas de organização e representação informação onde se realizam os serviços de análise documental. É preciso verificar as condições físicas oferecidas para esse trabalho que exige concentração, silêncio e acesso físico a variadas fontes de informação.

3.2.3 CONTEXTO SOCIOCOGNITIVO

O *contexto sociocognitivo* é uma variável peculiar porque não é visto em sentido físico ou dimensional. Partindo do princípio de que a leitura é um processo comunicativo entre leitor e texto, o contexto é uma representação mental do leitor.

O contexto, então, refere-se ao modelo mental do leitor documentalista que contém o processo de análise de assunto, a linguagem documental do sistema de informação, a política de organização e representação da informação e seu manual.

Entretanto, para Koch (2002, p. 24) o contexto é sociocognitivo, engloba as três dimensões e está armazenado na memória do leitor. Na variável leitor vimos que a memória do leitor é seu conhecimento prévio ou cognição. Dessa forma, o contexto sociocognitivo do leitor contém: conhecimento linguístico, conhecimento enciclopédico, conhecimento da situação comunicativa e de suas regras, conhecimento superestrutural, conhecimento estilístico, conhecimento de outros textos (intertextualidade). O uso desse conhecimento prévio, como já foi apresentado, se realizará através de estratégias.

No ambiente profissional em que é realizada a análise de assuntos é possível verificar que o conhecimento da situação comunicativa e de suas regras, por exemplo, está implícito no contexto do trabalho desenvolvido por documentalistas a partir dos objetivos, da política organização e representação documental, regras e procedimentos, a linguagem documental para representação e mediação da linguagem do usuário, e os interesses de busca do usuário. Portanto, o contexto social será explicado pelo contexto sociocognitivo que mais se aproxima da realidade dos sistemas de informação que realizam a análise documental para representação da informação.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O esclarecimento de cada variável, portanto, nos assegura que a leitura compreende um processo de várias etapas: o exame da estrutura e da tipologia do documento, a busca por pistas perceptuais, o momento da tentativa de compreensão seguida da identificação de conceitos, o rastreamento final para confirmação da compreensão e o resultado da leitura - a seleção dos conceitos.

Em uma formação mais voltada para o conteúdo do documento, o indexador torna-se um leitor que interage com o texto. A análise para identificação de conceitos vai depender de estratégias que facilitem a compreensão. Também, é necessário ter consciência da política de organização da informação e dos objetivos institucionais para que a seleção de conceitos realize a representação das necessidades de informação do usuário do sistema.

REFERÊNCIAS

- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. *NBR 12676*: métodos para análise de documentos - determinação de seus assuntos e seleção de termos de indexação. Rio de Janeiro, 1992.
- BEGHTOL, C. Bibliographic classification theory and text linguistics: aboutness analysis, intertextuality and the cognitive act of classifying documents. *Journal of Documentation*, London, v. 42, n. 2, p. 84-113, 1986.
- CAVALCANTI, M. C. *I-n-t-e-r-a-ç-ã-o leitor-texto*: aspectos de interpretação pragmática. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1989.
- CHAUMIER, J. *Analisis y lenguajes documentales*: el tratamiento lingüístico de la información documental. Barcelona: Mitre, 1986.
- FARROW, J. A. cognitive process model of document indexing. *Journal of Documentation*, London, v. 47, n. 2, p. 149-166, 1991.
- FOSKET, A. C. *The subject approach to information*. 5. ed. London: Library Association Publishing, 1996.
- FUJITA, M. S. L. Análise e síntese documentárias para compreensão de leitura de textos didáticos: uma proposta de aplicação do sistema de indexação Precís. *INFORMARE*: Cadernos do Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, p. 77-99, 1999.
- GARDIN, J. C. *et al. La logique du plausible*: essais d'epistemologie pratique. Paris: Maison de Sciences de L'Homme, 1981.
- GIASSON, J. *A compreensão na leitura*. Lisboa: Asa, 1993.
- GRICE, H. P. Logic and conversation. In: COLE, P.; MORGAN, P. *Syntax and semantics*: speech acts. New York: Academic Press, 1982. p. 41-58.
- GUIMARÃES, J. A. C. A dimensão teórica do tratamento temático da informação e suas interlocuções com o universo científico da International Society for Knowledge Organization (ISKO). *Revista Ciência da Informação*, Brasília, v. 1, n. 1, p. 77-99, jan./abr. 2008.
- GUIMARÃES, J. A. C.; FERREIRA, G. M.; FREITAS, M. F. M. Correntes teóricas do tratamento temático da informação: uma análise de domínio da presença da catalogação de assunto e da indexação nos congressos de ISKO-España. In: CONGRESO ISKO CAPÍTULO ESPAÑOL, 10., 2011, Ferrol. *Actas* [...]. Ferrol: Universidad da Coruña, 2012. p. 181-94.
- HJØRLAND, B. Knowledge Organization (KO). *Knowledge Organization*, Baden-Baden, v. 43, n. 6, p. 475-84, 2016.
- KATO, M. A. *No mundo da escrita*: uma perspectiva psicolinguística. São Paulo: Ática, 1986.

- KLEIMAN, A. *Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura*. 7. ed. Campinas: Pontes, 2000.
- KOBASHI, N. Y. *A elaboração de informações documentais: em busca de uma metodologia*. 1994. 195 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1994.
- KOCH, I. G. V. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez, 2002.
- LANCASTER, F. W. *Indexação e resumos: teoria e prática*. Tradução de Antonio Agenor Briquet de Lemos. Brasília: Briquet de Lemos, 1993.
- MAI, J. E. Deconstructing the Indexing Process. *Advances in Librarianship*, Bingley, v. 23, p. 269-298, 2000.
- PINTO MOLINA, M. *Análisis documental: fundamentos y procedimientos*. 2. ed. rev. aum. Madrid: EUDEMA, 1993.
- PINTO, M.; GÁLVEZ, C. *Análisis documental de contenido: procesamiento de información*. Madrid: Síntesis, [1996].
- TÁLAMO, M. F. G. M. *Elaboração de resumos*. São Paulo: Escola de Comunicação e Artes, 1987. Datilografado.
- VAN DIJK, T. A. *La Ciencia del texto: un enfoque interdisciplinario*. Trad. de Sibila Hunzinger. Barcelona: PAIDOS, 1992.
- VAN SLYPE, G. *Los lenguajes de indización: concepción, construcción y utilización en los sistemas documentales*. Trad. Pedro Hípola e Félix de Moya. Madrid: Fundación Germán Sánchez Ruipérez; Pirámide, 1991. Tradução de: Les languages d'indexation: conception, construction et utilisation dans les systèmes documentaires.

2

O LEITOR INDEXADOR: *EXPERT* E PROFISSIONAL

Mariângela Spotti Lopes FUJITA

Carlos Cândido de ALMEIDA

RESUMO: O indexador é considerado um leitor profissional que realiza a leitura documentária com alto desempenho. O objetivo deste capítulo consiste em trazer os elementos da leitura profissional e estratégias metacognitivas, como também discutir o conceito de *expert* para depois analisar as características de um indexador ou leitor profissional de alto desempenho. A leitura de um profissional especialista ou *expertise* difere de um indexador comum, porque vigia constantemente e identifica falhas de raciocínio. A agilidade em que o indexador realiza a leitura e representação vale menos para qualificá-lo como excelente e para obter a qualidade dos resultados na indexação. Estudos futuros sobre leitura e estratégias mentais adotadas por *experts*, que se autocorrigem e expandem seus próprios limites são importantes para a área e verificar situações concretas de leitura documental por *experts* para confirmar como realmente ocorrem.

PALAVRAS-CHAVE: Leitura documental. Leitor profissional. Profissional *expert*. Alto desempenho profissional.

ABSTRACT: The indexer is considered a professional reader who makes documentary reading with high performance. The purpose of this chapter is to discuss elements of professional reading and metacognitive strategies, as well as to discuss the expert concept and then analyze characteristics of indexer or professional reader of high performance.

The reading of a professional expert or expertise differs from a common indexer, because it constantly watches and identifies reasoning failed. The agility in which indexer performs reading and representation is worth less to qualify it as excellent and to obtain the quality of results in indexing. Future studies on reading and mental strategies adopted by experts who self-correct and expand their own limits are important to the area and see concrete situations of documentary reading by experts to confirm how they actually occur.

KEYWORDS: Documentary reading. Professional reader. Professional expert. High professional performance.

1 INTRODUÇÃO

Por muito tempo se entendia que algumas pessoas nasciam para fazer determinadas coisas. Seria quase como um traço genético, uma informação já registrada no DNA. Alguns nasciam para a genialidade, seja para matemática, línguas, física, química, artes, música, filosofia, esportes etc., e tantos outros para o anonimato e rotinas degradantes. Contudo, pesquisas realizadas no campo da *expertise*, isto é, do desempenho superior, têm demonstrado que “dom” não existe de fato, e, olhando bem de perto o comportamento dos reconhecidos como “gênios” nas diversas áreas do conhecimento ou da atividade humana, encontraremos caracteres de comportamento psicológico que podem ser trabalhados conscientemente e que nada tem a ver com informação genética transmitida pelos antepassados.

Segundo Ericsson, Prietula e Cokely (2007), “No imaginário popular, a genialidade é um traço inato, não adquirido. Já a ciência mostra que a verdadeira *expertise* é fruto, sobretudo, de anos de prática intensa e orientação dedicada.”. Em outras palavras, a ideia de um sujeito nascer preparado para o desempenho superior ou de excelência é mais mito que uma realidade fática. Isso abre portas para uma nova linha de investigação sobre a formação superior e o papel fundamental das estratégias metacognitivas. De acordo com Ericsson, Roring e Nandagopal (2007, p. 43) “Não encontramos evidências reprodutíveis rigorosas de que as habilidades inatas, com exceção da altura e do corpo, impedem indivíduos saudáveis de atingir níveis de desempenho superior.” .

O objetivo deste capítulo será, em primeiro lugar, trazer elementos para pensar a leitura profissional e as estratégias metacognitivas, e em segundo, discutir o conceito de *expert* para explicar as características de um indexador ou leitor profissional de alto desempenho.

2 LEITURA E LEITURA PROFISSIONAL

A leitura é uma das ações mais importantes da cognição humana. Imagine se não houvesse leitura, se não fôssemos leitores. Esta seção é sobre essa ação que possibilita a compreensão do mundo à nossa volta. Mas, o curioso é que não lemos letra por letra, palavra por palavra, lemos antecipando e prevendo o que vem depois.

Quando os estudos sobre leitura se iniciaram, a concepção era de que quando lemos, fazemos um processamento linear, ou seja, simplesmente uma fixação ocular que se movimenta da direita para a esquerda. Porém, à medida que as pesquisas avançaram evoluiu para uma visão de leitura como processo de comunicação que inclui outros aspectos psicolinguísticos como demonstram Fujita, Nardi e Santos (1998, p. 13-17) no Quadro 1:

Quadro 1 - Evolução das concepções teóricas sobre leitura

Modelo Serial de Gough (1972): o ato de ler envolve um processamento serial que começa com uma fixação ocular sobre o texto, prosseguindo da esquerda para a direita de forma linear.

Modelo Psicolinguístico de Goodman (1967): define leitura como um “jogo” psicolinguístico de adivinhação, um processo seletivo em que o leitor seleciona pistas apresentadas no texto, como pontos de partida para predições.

Modelo Interativo de Rumelhart (1977): O leitor, em cada nível, apoia-se em esquemas de conhecimento que possui. Durante a leitura de um texto, são ativados esquemas variados, desde conhecimento de vocabulário, conhecimento da estrutura textual, do assunto, até conhecimento de mundo.

Processo comunicativo entre leitor-texto de Cavalcanti (1989): compreende que o leitor traz consigo seu conhecimento prévio, experiências acumuladas e valores, e utiliza essa bagagem para interagir com o texto (os pontos de vista, as intenções do autor e as ideias implícitas no texto).

Modelo Interativo de Giasson (1993) apresenta visão semelhante à de Cavalcanti, por acreditar na interação **texto-leitor-contexto** e na integração das habilidades em que o leitor cria sentido, apoiando-se simultaneamente no texto, nos seus conhecimentos prévios e na intenção da leitura.

Fonte: Elaborado com base em Fujita, Nardi e Santos (1998, p. 13-17).

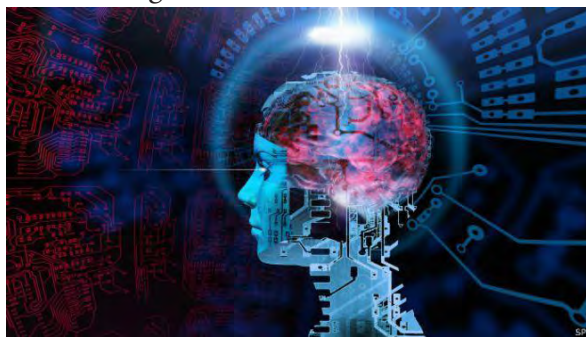
Cada uma dessas concepções sobre leitura traz um avanço que nos levam a compreendê-la melhor, como por exemplo, as predições do modelo psicolinguístico de Goodman, a teoria de esquemas de Rumelhart e o processo comunicativo entre o leitor e o texto, no qual o leitor interage com seu conhecimento prévio quando lê.

Esses conhecimentos serão muito úteis para entender como é possível tornar-se um leitor profissional em Análise Documental para realizar Indexação, Elaboração de resumos e Classificação com mais facilidade, menos subjetivismo e, principalmente, com procedimentos que tem fundamento na cognição humana, ou seja, no modo como nossa mente aprende utilizando habilidades e estratégias cognitivas e metacognitivas. Não é difícil, é preciso aprender a aprender!

Vamos, primeiro, entender como funcionam os esquemas e a predição e, qual a utilidade deles para a leitura.

Todos nós somos dotados neurologicamente com memória (Figura 1) que, por questões de funcionamento, é dividida em memória sensorial-motora, memória de curto prazo e memória de longo prazo com função específica para cada uma.

Figura 1 - Memória humana



Fonte: http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/04/150408_vert_fut_capacidade_cerebro_ml

A memória a longo prazo é um arquivo que mantém nosso conhecimento consolidado organizado conforme nosso desenvolvimento cognitivo para que possamos recuperá-lo para tudo o que fazemos ou aprendemos. A aquisição de novos conhecimentos implica em seleção de acordo com essa estrutura de conhecimento já existente na memória a longo

prazo. Quanto mais atividades temos e mais conhecimentos adquirimos, mais seletiva e organizada será a memória de longo prazo. Portanto, nossa cognição depende da memória de longo prazo.

A diferença entre a leitura realizada por processamento sequencial e a do modelo psicolinguístico realizada com predições é a existência do conhecimento prévio. O conhecimento prévio para a compreensão em leitura depende do conhecimento existente na memória de longo prazo. Portanto, a leitura sem compreensão equivale à ausência de leitura.

Mesmo que não se tenha conhecimento especializado por áreas de assunto, cujos conhecimentos não foram aprendidos, existe o conhecimento de mundo e saberes fundamentais integrantes do conhecimento prévio capazes de realizar a leitura compreensiva, como por exemplo, o conhecimento linguístico que permite a compreensão de frases, o conhecimento matemático que permite a compreensão numérica, o conhecimento iconográfico, que garante a apropriação das imagens e assim por diante.

Para entender como funciona o conhecimento prévio, faça, a seguir, a leitura de um texto de uma área especializada em língua estrangeira e veja como funciona seu conhecimento prévio tomando como exemplo o Quadro 2:

Quadro 2 - Resumo de artigo científico em inglês em área de conhecimento especializada

COLONOSCOPY: RANDOMIZED COMPARATIVE STUDY OF INSUFFLATION WITH CARBON DIOXIDE VERSUS AIR ¹

ABSTRACT

Background:

In Brazil, an increasing number of people are submitted to colonoscopy, either for screening or for therapeutic purposes.

Aim:

To evaluate whether there are advantages of using carbon dioxide (CO₂) over air for insufflation.

Methods:

Two hundred and ten of 219 patients were considered eligible for this study and were

¹ DE-QUADROS, Luiz Gustavo et al. Colonoscopy: Randomized Comparative Study Of Insufflation With Carbon Dioxide Versus Air. ABCD, arq. bras. cir. dig., São Paulo, v. 30, n. 3, p. 177-181, set. 2017. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-67202017000300177&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 05 nov. 2017. <http://dx.doi.org/10.1590/0102-6720201700030004>.

randomized into two groups according to the gas insufflation used: Air Group (n=104) and CO₂ Group (n=97). The study employed a double-blind design.

Results:

The Air and CO₂ Groups were similar in respect to bowel preparation evaluated using the Boston scale, age, gender, previous surgery, maneuvers necessary for the advancement of the device, and presence of polyps, tumors or signs of diverticulitis. However, “waking up with pain” and “pain at discharge” were more prevalent in the Air Group, albeit not statistically significant, with post-exam bloating seen only in the Air Group. The responses to a questionnaire, applied to analyze the late post-exam period, showed more comfort with the use of CO₂.

Conclusions:

The use of CO₂ is better than air as it avoids post-examination bloating, thereby providing greater comfort to patients.

HEADINGS Colonoscopy; Insufflation; Patient satisfaction; Clinical protocols

Fonte: Scielo Periódicos. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-202017000300177&lng=pt&nrm=iso&tlng=en.

Observe que sua primeira leitura foi um rápido “rastreamento” que detectou as partes do texto em realces, tais como, título, “background”, “aim”, “methods”, “results”, “conclusions” e “headings”. As partes do texto correspondem ao conhecimento textual de outros tipos de textos aos quais sempre existe uma estrutura que os divide em seções e podem ser considerados importantes marcações do texto. Depois, você passou a observar com mais atenção alguns símbolos que são universais, tais como CO₂ ou n=97 e outros símbolos numéricos. O CO₂, por exemplo, depende de seu conhecimento de mundo para reconhecê-lo como símbolo que significa gás carbônico ou dióxido de carbono. Este símbolo não está no título, mas está presente seu significado, “carbon dioxide”. Com mais atenção ainda seu conhecimento prévio consegue prever alguns outros termos importantes que podem fazer a diferença na compreensão do texto. O termo “colonoscopy” é facilmente ligado ao exame médico “colonoscopia”.

Muito bem! Esse pequeno exercício demonstra muitas possibilidades que nossa memória possui para a compreensão leitora que parece um jogo de adivinhação porque a mente está acostumada a realizar previsões.

Essas predições dependem fundamentalmente dos “esquemas” que a memória de longo prazo possui para categorizar, classificar e relacionar semanticamente as informações que armazena para futura recuperação.

Para se realizar o processo de compreensão é preciso que a memória a longo prazo tenha “esquemas” ou representações generalizadas de ambientes, situações familiares, modelos e informações para que se construa associação com tudo aquilo que se está vendo, ouvindo e lendo. Esquemas são “[...] estruturas abstratas, construídas pelo próprio indivíduo, para representar a sua teoria do mundo. Na interação com o meio, o indivíduo vai percebendo que determinadas experiências apresentam características comuns com outras.” (LEFFA, 1996, p. 35).

Isso significa que o esquema existe em razão de nosso conhecimento prévio e nos dá condições de prever ou de antecipar atividades, acontecimentos, ações e informações ao considerar o certamente provável e não o improvável. Por isso, é que podemos realizar predições.

O estudo de Rumelhart (1977) propõe um modelo interativo, a partir do fluxo de informação, para explicar o funcionamento de esquemas na compreensão em leitura como um ato duplo: de recepção ou percepção visual e de compreensão ou atividade mental (PINTO MOLINA, 1993). Isso significa que ao ler, o leitor realiza dois movimentos inversos e, ao mesmo tempo, complementares: “*bottom-up*”, ascendente ou indutivo e “*top-down*”, descendente ou dedutivo. Os processos inferenciais indutivos e dedutivos são fundamentais no processo de leitura.

De outra forma, os movimentos ascendentes e descendentes do processo de leitura, a partir do modelo de Rumelhart, são diretamente relacionados a duas definições opostas que esclarecem melhor a função de cada movimento na leitura (LEFFA, 1996, p. 11):

- Ler é extrair significado do texto; è **BOTTOM-UP (ascendente)**
- Ler é atribuir significado ao texto. è **TOP-DOWN (descendente)**

Na primeira afirmação “Ler é extrair significado do texto”, o movimento é *bottom-up* e a leitura é um processo ascendente. A compreensão “sobe” do texto ao leitor na medida exata em que o leitor vai avançando no texto (seta azul na Figura 2).

Na segunda afirmação “Ler é atribuir significado ao texto”, o movimento é *top-down* e a leitura é um processo descendente, pois “desce” do leitor ao texto (seta vermelha na Figura). Enquanto prossegue a leitura, o leitor prevê hipóteses sobre o que irá tratar o documento e, no decorrer da leitura, suas hipóteses podem ou não ser confirmadas. As hipóteses serão elaboradas de acordo com o conhecimento prévio do leitor (LEFFA, 1996). Nesse sentido, os processos lógicos criação de hipóteses, dedução e indução exercem papel fundamental no processo de leitura, tal como já discutimos em outro trabalho (ALMEIDA; FUJITA; REIS, 2013).

Kato (1985) considera leitor experiente aquele que utiliza os dois tipos de estratégias, as ascendentes (dependentes do texto, da análise cuidadosa do *Input* visual) e as descendentes (baseadas no conhecimento prévio do leitor e na sua capacidade de inferência, de predição), relacionando ora um tipo, ora outro, de maneira consciente, no momento em que cada uma delas se fizer necessária.

Pinto e Gálvez ([1996], p. 45) consideram o modelo interativo de Rumelhart (1977) o que melhor representa a atuação do sujeito documentalista² porque:

[...] quando está lendo um texto cujo assunto lhe seja desconhecido, procederá dos níveis mais inferiores aos superiores, fará uma leitura lenta, detalhada, ascendente ou *bottom-up*. Ao contrário, quando o texto for familiar realizará uma leitura “entre linhas” - descendente ou *top-down* -, antecipando informações e dirigindo-se a uma representação do conteúdo global do texto.

A diferença entre as duas concepções de leitura está justamente na interação, pois no processo ascendente não existirá uma interação entre o leitor e o texto, o leitor lê o texto linearmente, palavra por palavra, extraindo o seu significado de acordo com a sequência linguística apresentada pela estrutura do texto, enquanto que, no processo descendente, a obtenção do significado do texto se dá por meio da contribuição do leitor com suas hipóteses e previsões.

Tais modelos de compreensão, baseados no conhecimento prévio, são considerados interativos no que diz respeito à interação entre

² Documentalista para os teóricos espanhóis significa o mesmo que indexador em ciência da informação no Brasil.

os processos *bottom-up* e *top-down*, bem como do leitor com o texto, mas não à interação do leitor com o autor (KLEIMAN, 1989).

Ao avançarmos na concepção de esquemas, podemos inferir que o profissional leitor que realiza a análise documental terá o conhecimento linguístico prévio, implícito e importante para a compreensão da organização textual.

Para o indexador, por exemplo, o domínio da tipologia documental e da estrutura textual são dois tipos de conhecimentos prévios que poderão aumentar sua compreensão durante o processo descendente de leitura. Segundo Lara (1994, p. 55), “[...] envolve, portanto, tanto o reconhecimento da tipologia textual, como a identificação dos elementos referenciais para uma interpretação apropriada.”.

Cintra (1987, p. 31), baseada em pesquisas que demonstram a facilidade de leitura para leitores com conhecimento de estruturas textuais, considera que “[...] o leitor que domina as superestruturas textuais capta com mais facilidade as ideias centrais do texto, pois tem como parâmetro a identificação dos constituintes básicos.”.

Esse tipo de conhecimento prévio constitui-se como uma vantagem do profissional que realiza a análise documental tendo em vista que não possui conhecimento prévio especializado em nenhuma área do conhecimento e precisa realizar a análise documental de diferentes tipologias documentais em diferentes áreas do conhecimento.

Isso significa que o leitor profissional em análise documental, de acordo com seus objetivos e contexto, é também um leitor que compreende o texto para interpretação e produção de uma representação condensada de seu significado.

3 LEITURA, PLANEJAMENTO, METACOGNIÇÃO E ESTRATÉGIAS

Quando lemos um texto interessante do ponto de vista do nosso conhecimento prévio parece que entramos em um outro ambiente em que é possível imaginar e vivenciar aquilo que o autor descreve como se estivéssemos vivendo aquele momento de modo real em nossa mente. Isso faz com que aquele momento de leitura tenha a capacidade de nos transportar para outro lugar tal o nosso nível de abstração da

realidade e do ambiente à nossa volta. De repente, alguma palavra que não entendemos nos traz de volta à realidade e voltamos a ler com mais atenção aquela determinada frase ou voltamos uma página atrás e lemos até o ponto onde paramos para recuperar a informação necessária para a nossa compreensão. Depois, mais à frente, continuamos a leitura, mas sem prestar mais atenção ao que o autor está descrevendo e nossa mente começa a pensar em algum outro momento já vivido por nós em futuro recente e, de repente, voltamos à leitura e vemos que já lemos duas páginas e não sabemos o conteúdo.

Todos nós conhecemos esses comportamentos porque somos leitores. O primeiro e segundo comportamento ativam estratégias de acompanhamento do processo de compreensão e a retomada de atenção quando não compreendemos alguma palavra ou frase (primeiro comportamento) ou mesmo quando fazemos digressões (segundo comportamento).

Este acompanhamento do processo de compreensão durante a leitura com uso de estratégias realiza a interação entre o texto e o leitor. São estratégias mentais definidas para cada uso durante o decorrer da leitura. Porém, nem todas as estratégias podem ser observadas. Para Nardi (1993), as estratégias não podem ser prontamente observáveis e sim as ações comportamentais do leitor (como, por exemplo, o virar de páginas, ou a procura de uma palavra no dicionário), mas as ações mentais como associações e deduções durante a leitura não podem ser vistas.

As estratégias de leitura, ou as ações que o leitor realiza no ato de ler, têm sido definidas por vários autores. Essas estratégias, segundo Faerch e Kasper (1980), citados por Nardi, (1993), são planos potencialmente conscientes do leitor para resolver algo que se apresenta como um problema na compreensão.

Kato (1985) distingue dois tipos de estratégias que definem o comportamento do leitor:

- Estratégias cognitivas: automáticas e subconscientes, utilizadas durante a leitura fluida, sem obstáculos, e
- Estratégias metacognitivas: são ações conscientes do leitor frente a um problema.

A metacognição em leitura permite ao leitor uma compreensão de sua própria compreensão, ou melhor, o acompanhamento e avaliação de seu processo de compreensão durante a leitura de um texto e, além disso, a tomada de providências quando a compreensão falha (LEFFA, 1996).

Cavalcanti (1989) considera que as estratégias se tornam mais observáveis quando ocorre algum tipo de ruptura ou parada durante o processo de compreensão, momento em que o leitor desacelera a leitura e torna-se metacognitivo.

Essa suspensão pode ser causada por falta de conhecimento em algum dos componentes linguísticos da competência comunicativa. São justamente essas interrupções que possibilitam a observação do processo de leitura porque o leitor para e faz perguntas para si mesmo na tentativa de resolver o problema. Se pedirmos para o leitor “pensar em voz alta” durante a leitura, essa verbalização poderá ser gravada e transcritas por meio de Protocolo Verbal. Essas transcrições de protocolos verbais darão acesso ao conhecimento processual do leitor enquanto ele faz a leitura.

A metacognição é, portanto, muito importante na compreensão de leitura e da aprendizagem de modo geral. Mas, como distinguir uma estratégia cognitiva de outra metacognitiva? Como observamos a estratégia metacognitiva?

Para conferir natureza metacognitiva às ações mentais, Brown (1980, p. 456) indica atividades que passamos a descrever com exemplos de leitura retirados de trechos de transcrições de protocolos verbais de leitores durante a leitura de textos para indexação (Quadro 3):

Quadro 3 - Exemplos descritivos de ações mentais de natureza metacognitiva durante a leitura

AÇÕES MENTAIS DE NATUREZA METACOGNITIVA	TRANSCRIÇÕES DE PROTOCOLO VERBAL DE LEITOR DURANTE LEITURA PARA INDEXAÇÃO ³
<p>Explicitação dos objetivos da leitura e/ou manutenção dos objetivos na mente;</p>	<p><i>Bem... primeiro eu estou olhando é... lendo o título que é [Avaliação da importância da coloração de Perls na rotina de mielogramas de pacientes com anemia associada a uma ou mais citopenias em sangue periférico]</i></p>
<p>Identificação de aspectos importantes da mensagem;</p>	<p><i>...at tem o título em inglês... pelo título eu percebi que é sobre hematologia... do que se trata o texto.</i></p> <p><i>...[As síndromes mielodisplásicas são um grupo heterogêneo de doenças malignas das células-tronco hematopoéticas, classificadas segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS) em: anemia refratária, anemia refratária com sideroblastos em anel, citopenia refratária com displasia de multilineagens, anemia refratária com excesso de blastos, síndrome mielodisplásica inclassificável e síndrome mielodisplásica associada com anormalidade isolada do cromossomo 5q (del)] Então... eu entendi que fala sobre tipos de anemia e sobre hematologia... e sobre dificuldades... não sei bem se é dificuldades, mas é... nas células-tronco hematopoéticas... então é uma anemia... é algo relacionado a essas células.</i></p>
<p>Alocação de atenção a áreas importantes; - Exploração da estrutura textual</p>	<p><i>eu to lendo agora um pedaço da introdução que diz que foi a Organização Mundial da Saúde que fala de anemia refratária e sobre também blastos que também é um dos componentes do sangue... é... que eles usaram como método...</i></p> <p><i>As Figs. 2 e 3 apresentam a micrografia e a distribuição do tamanho de grãos da amostra] eu vou pular a página agora eu não to entendendo muito do texto não é da área ((FR)) é muito difícil eu vou pular vou ver o que tem na conclusão sei lá depois talvez eu volte</i></p>
<p>Monitoração do comportamento para ver se está ocorrendo compreensão, por meio de: - Engajamento em revisão e auro-indagação para ver se o objetivo está sendo atingido; - Tomada de ações corretivas quando são detectadas falhas na compreensão; - Recobrimento de atenção quando a mente se distrai ou faz digressões</p>	<p><i>Na análise morfológica destas 20 amostras observou-se que todas apresentavam hiperplasia da linhagem eritróide e displasia de uma única linhagem ou associada a displasias de multilineagens conforme demonstrado...] eu entendi que é alguma coisa dentro do sangue...de...da... na hemoglobina que é onde... vê anemia tal...</i></p>

Fonte: Adequado pelos autores com base em Fujita (2003, p. 78).

³ Extraídos de Fujita (2007).

Essas ações mentais são importantes para o leitor profissional que realiza análise documental com objetivos definidos e tarefas específicas da indexação, classificação e elaboração de resumos, sobretudo considerando-se que é necessário *ter o objetivo em mente* para a realização da tarefa de análise documental com textos especializados em diferentes áreas de assunto como podemos observar pelos exemplos das transcrições de protocolos verbais. Outro motivo importante é a *exploração da estrutura textual* para *alocar a áreas importantes do texto* onde se pode *identificar aspectos importantes da mensagem* com termos representativos do conteúdo do texto

Com relação às estratégias cognitivas, Kato (1985) considera que são regidas pelos princípios da Canonicidade e Coerência. O princípio da Canonicidade significa que o leitor possui conhecimento da ordem natural sintática e semântica permitindo-lhe predizer, por exemplo, a categoria gramatical de uma palavra desconhecida e assim facilitando a inferência de seu significado. No princípio da Coerência, o leitor espera e cria uma expectativa em torno da coerência do texto de forma global e também local.

Para a tarefa do indexador esses princípios são importantes, considerando-se que um texto sob a forma de artigo científico, por exemplo, possui uma estrutura de tópicos e parágrafos já conhecida e o indexador possua habilidade em indexação de uma determinada área de assunto, a legibilidade do referido texto aumenta, assim como o uso de estratégias cognitivas.

Sabemos também que, na leitura para fins de análise documental, não é necessário nem aconselhável uma leitura linear, letra por letra, palavra por palavra; o leitor avança no texto à medida que consegue predizer o que vem a seguir.

Esse leitor deve, então, buscar detectar a estrutura do texto, pois o reconhecimento da estrutura favorece a captação das ideias principais do texto e o questionamento sobre os significados dos termos mais representativos do conteúdo principal. Esse apoio na estrutura textual permite ao leitor ser seletivo, pular pedaços do texto e prestar atenção a trechos importantes onde estão os termos que melhor representam o conteúdo do texto. Vemos assim que o significado do texto depende de uma de suas principais variáveis, o leitor.

4 A VARIÁVEL LEITOR

Considerando-se os conteúdos dos itens anteriores sobre leitura é possível afirmar que o documentalista, o profissional que realiza a análise documental, é um leitor apto à compreensão pela sua própria estrutura cognitiva inata e construída. Confira abaixo:

- possui conhecimento prévio, constituído de conhecimento linguístico, textual, e conhecimento de mundo;
- utiliza seu conhecimento prévio por meio de esquemas acionados pelos movimentos *bottom-up* e *top-down*; e
- realiza processos de compreensão, principalmente os metacognitivos.

Para efeito de análise do documentalista enquanto leitor, Lara (1994, p. 63) sintetizou as seguintes características que demonstram o potencial do leitor documentalista (Quadro 4):

Quadro 4 - Características do leitor documentalista

- o perfil do leitor documentalista é particular, não dispõe de “enciclopédia” para interpretar as instruções textuais;

- o documentalista não é previsto pelo autor como leitor, ou seja, o conhecimento prévio do documentalista não é necessariamente o mesmo do especialista;

- a leitura do documentalista deve se desenvolver com o auxílio de regras adicionais que permitam a “identificação” daqueles referenciais que normalmente possibilitam ao leitor previsto pelo texto proceder à sua interpretação;

- identificação não implica interpretação, mas localização de ocorrências típicas e atípicas num dado universo discursivo;

- as ocorrências típicas são quadro de tipologias textuais, organização de textos e discurso dentro dessa tipologias, terminologia de domínios e quadros de sistematização conceitual;

- o leitor documentalista pode estar capacitado a realizar adequadamente a leitura a partir do uso equilibrado das estratégias cognitivas e metacognitivas;

- essas estratégias dependem de seu conhecimento prévio e de seu quadro de referência básico;

- a interpretação dos textos supõe necessariamente a intervenção de componentes ideológicos: o leitor documentalista não é imune a essas intervenções, principalmente, pertinentes aos do contexto onde se insere.

Fonte: Elaborado com base em Lara (1994, p. 63).

Com essas características e, sendo um leitor inato segundo a perspectiva cognitiva, o documentalista ao ler um texto cujo assunto não está familiarizado, realizará uma leitura lenta, detalhada, acionando movimento *bottom-up* para chegar ao movimento *top-down*. Porém, se está familiarizado com assunto do texto que lê, realizará uma leitura mais fluente, realizando movimento *top-down* em direção ao conteúdo global para chegar ao movimento *bottom-up*.

Neste rol de características, acrescentamos, a existência do objetivo de leitura do documentalista voltado para a produção de representações condensadas do conteúdo, diferente do objetivo de um leitor que busca a compreensão de um texto para aprendizagem, informação ou fruição. Com este objetivo, o documentalista não tem compromisso com a compreensão do texto, mas tão somente com sua representação condensada.

O leitor profissional tem objetivos definidos para a leitura, conhecimentos de procedimentos de análise, de estratégias de análise e, sobretudo, de políticas de organização da informação e de demanda do usuário do sistema de informação.

Mesmo sem conhecimento prévio específico sobre áreas de conhecimento especializado, o documentalista poderá desenvolver a compreensão do texto e realizar a identificação de conceitos de forma compreensiva.

Aqui vão, então, recomendações básicas e importantes para o documentalista que queira aprimorar sua atividade de análise documental:

- desenvolver habilidades e estratégias de compreensão de leitura;
- aprofundar seu conhecimento prévio linguístico e textual;
- desenvolver experiências de análise documental em área especializada para conseguir familiaridade com o assunto; e
- ter formação sobre análise conceitual que o torne consciente de suas habilidades cognitivas inatas e construídas.

Com relação à última recomendação, esclarecemos que a falta de conhecimento prévio sobre áreas de conhecimento especializadas não é impedimento para que o documentalista realize os objetivos de suas tarefas de análise documental.

É preciso, então, que o indexador agregue ao seu conhecimento prévio conhecimentos específicos para a atividade de leitura documental em análise documental.

A partir das concepções de análise documental, o documentalista é considerado um leitor profissional dotado de estratégias próprias – desenvolvidas em sua formação – quando assume os objetivos profissionais e o contexto institucional para o qual trabalha. Contudo, não é apenas a formação que exerce papel substancial no desenvolvimento das competências leitoras. Para conhecer a leitura documental realizada com maestria devemos tomar nota do papel que a prática deliberada exerce neste processo.

5 A EXPERTISE, A PRÁTICA INTENCIONAL E A LEITURA PROFISSIONAL

O desempenho adequado ou alta performance depende da prática, isto é, fundamental para entendermos a leitura profissional sobre outro âmbito. A prática isolada ou o acúmulo de experiências e atividades rotineiras não tem a ver necessariamente com boa performance. Praticar sem o uso de recursos metacognitivos, ou autoconsciência, pode levar o profissional muitas vezes a repetição de decisões passadas, não evoluindo cognitivamente, apenas agilizando o processo, automatizando-o sem criticidade.

Nas palavras de Ericsson e Pool, “A prática intencional é, como seu nome indica, muito mais intencional, ponderada e focada do que essa espécie de prática ingênua.” (ERICSSON; POOL, 2017, p. 37). A prática ingênua é a rotina, por mais que se pareça com um alto grau de experiência, é apenas uma repetição quando o indivíduo não estabelece um tipo de vigilância cognitiva ou busque questionar os erros e continuamente avançar no aprimoramento da ação.

A prática intencional, focada ou deliberada, com base em Ericsson e Pool (2017), possui as seguintes características:

- tem objetivos específicos bem definidos: uma forma de detectar é estabelecer metas bem claras, tais como: quantos dígitos devo memorizar esta semana? Qual o menor tempo para encontrar o assunto principal de um livro? Quantos termos tenho que utilizar para representar o assunto?
- é uma atividade focada: toda ação deve ser observada cuidadosamente.
- envolve o recebimento de um retorno sobre a eficácia da ação (feedback): é preciso saber se está certo ou errado, correto ou não, para continuar melhorando.
- exige que indivíduo saia de sua zona de conforto: ir além do familiar e conhecido. Segundo os autores “Essa é uma verdade fundamental em relação a qualquer tipo de prática: se você nunca se pressiona para ir além de sua zona de conforto, você nunca se aperfeiçoará.” (ERICSSON; POOL, 2017, p. 40).

Um aspecto fundamental na formação de profissionais em nível de expertise, é contar com um professor ou instrutor que avalie o percurso, identifique as barreiras e incentive a superá-los.

Essa tese é fundamental para superar a ideia simplificada de que podemos a qualquer tempo aprender qualquer coisa sem a ajuda de outras pessoas ou dispensar um contexto de aprendizagem. Certamente uma série de atividades e conhecimentos genéricos podemos alcançar sem ajuda alheia, mas isso não é suficiente para obter um desempenho excelente em uma área especializada, seja em medicina, engenharia ou indexação

Contudo, em um nível excelente de desempenho em qualquer área, precisamos de um instrutor, modelo, mentor ou professor que aponte os erros e exija a melhoria contínua, até o momento que o sujeito possa incorporar o comportamento autocorretivo e se autoavaliar constantemente, tornando-se o professor de si mesmo.

A participação do contexto e dos sujeitos mais experientes para formar um leitor profissional competente é de extrema importância. No contexto da leitura profissional para fins documentários devemos reconhecer o papel da formação durante o serviço que tem a função de assegurar que a aplicação da política de indexação de uma unidade de informação esteja adequada.

Uma pergunta impertinente merece ser feita a esse respeito: será que podemos assegurar que um determinado tempo de serviço e prática em leitura documental é suficiente para alcançar um desempenho superior? Com base na teoria da expertise desenvolvida por Ericsson e colaboradores podemos responder da seguinte maneira: a experiência contada a partir de anos de serviço e dedicação não seria suficiente para garantir a qualidade da indexação.

Embora o leitor profissional localize o assunto mais rapidamente, quando submetido a uma literatura cuja terminologia é conhecida, isso não significa que a atividade se realize em níveis ótimos. A comparação com padrões e o confronto com certos consensos a respeito dos assuntos devem servir para demonstrar a diferença entre um *leitor profissional experiente* e um *leitor profissional expert*. De certa forma, há uma ilusão quando concluímos que o tempo como indexador é o único fator a determinar a qualidade do produto da leitura documental.

Há evidências particularmente sólidas desse fenômeno, na medida em que ele se aplica aos médicos. As pesquisas feitas em várias especialidades mostram que os médicos que já praticam a medicina há 20 ou 30 anos se saem pior em certas medidas objetivas de desempenho do que aqueles que saíram da faculdade há somente dois ou três anos. Acontece que as tarefas que a maioria dos médicos realiza na sua prática cotidiana não ajudam em nada a melhorar ou mesmo manter as suas capacidades; poucas de suas atividades os desafiam ou os impulsionam para fora de suas zonas de conforto (ERICSSON; POOL, 2017, p. 40).

Nesse sentido, o leitor profissional deve ter seu trabalho confrontado constantemente de modo a conseguir demonstrar que a experiência (enquanto acúmulo de eventos e rotinas) inclui a ideia de experimentação, isto é, a continua habilidade do leitor fazer testes sobre a eficácia de suas representações, a qualidade do assuntos representados, o grau de adequação das palavras-chaves com as expectativas da comunidade etc. A experimentação, alinhada à perspectiva da prática intencional, é que garantirá resultados mais consistentes no que tange a leitura do indexador.

Em suma, a expertise do leitor profissional está mais relacionada à capacidade de realizar experimentações constantes e suas correções que

contar com a experiência acumulada que responde apenas a uma parte dos problemas. Um dos desafios para compreender o leitor e o processo de leitura profissional é realizar investigações sobre como os leitores de desempenho superior – o que nem sempre está condicionado ao tempo de atuação – adotam estratégias metacognitivas e cognitivas para produzir representações mais adequadas. Seria um enfoque diferente que deveríamos dar às nossas pesquisas, não mais olhar indexadores aleatoriamente, ou discriminando-os por tempo de experiência, ou faixa etária, mas examinando as estratégias adotadas pelos melhores profissionais. Desse modo, os resultados poderiam retroalimentar a formação profissional de uma nova geração de indexadores, especialmente no que tange a leitura documental.

6 O LEITOR PROFISSIONAL *EXPERT*

O leitor profissional, como visto, realiza as atividades de indexação, resumo e classificação, mas depende de estratégias cognitivas e metacognitivas. As estratégias metacognitivas estão alinhadas com a descoberta dos comportamentos dos grandes especialistas em várias áreas. Esta seção tem como propósito mencionar alguns aspectos do indexador especialista, isto é, *expert*. Temos trabalhado com a noção de especialista como *expert*, contudo, aqui devemos notar que especialista no contexto da Ciência da Informação refere-se à especialização das atividades e nem sempre se refere ao desempenho superior.

A leitura de um profissional especialista ou *expert* difere claramente de um indexador comum. Entre as diferenças está a reflexão sobre os passos que realiza e principalmente, os erros que comete. É um processo de vigilância constante para, a cada momento, identificar falhas de raciocínio, assuntos ocultos que não aparecem na primeira análise, palavras utilizadas que não representam adequadamente um documento, tempo dispendido para análise do documento, entre outras inúmeras ações mentais e pequenas decisões, de idas e voltas, que caracterizam um indexador profissional.

Aqui a ideia de profissional não deve estar relacionada ao fato dele possuir nível superior, formação em Biblioteconomia ou formação em uma área do conhecimento e conhecimentos de Ciência da informação.

Um bom indexador deve, além de conhecer tecnicamente o processo de leitura e o campo do conhecimento como mencionado anteriormente, refletir constantemente sobre a sua própria prática, as decisões que toma e as representações que produz.

Nesse caso, a quantidade de termos que indica, a agilidade na leitura do material e a rapidez com que elabora a representação valem menos para identificar um indexador de nível excelente.

A formação em serviço seria, como observado, um meio disponível para se produzir um indexador competente, um expert, de modo a incentivá-lo a aprimorar as capacidades apreendidas genericamente na universidade. Infelizmente, a capacitação ou o treinamento em muitos espaços de trabalho e unidades de informação acaba sendo mais para informar o profissional sobre as regras dos locais de trabalho e explicação sobre o funcionamento e os manuais existente, do que uma identificação de competências especiais para formar indexadores especialistas.

Devemos mencionar claramente que as disciplinas acadêmicas em cursos universitários de Biblioteconomia não formam completamente um profissional, um indexador ou catalogador de assunto. O desempenho excepcional tal como a abordagem de Ericsson preconiza não é de competência única de cursos universitários.

Muito pelo contrário, há limites tangíveis que impedem que a universidade atue para formar um profissional excepcional e altamente especializado, a saber: carga horária das disciplinas, programa de ensino, atividades e trabalhos acadêmicos que destacam as rotinas de trabalho e na repetição para ganho de produtividade, ênfase nos roteiros ou nas receitas prontas e menos nas habilidades metacognitivas do aluno as quais serão fundamentais para o desempenho futuro do profissional etc.

De modo geral, os cursos não formam a expertise em leitura documental, apenas familiarizam o alunado a algumas regras, padrões e recomendações das boas práticas. Nem mesmo os estágios profissionais são pensados para formar ou estimular o desenvolvimento de comportamentos ótimos, embora o ideário educativo aluda a isso constantemente.

Sendo assim, o tempo e os anos de atuação como indexação, classificador ou catalogador não são suficientes para determinar que um profissional é mais competente. Conforme as referências aos médicos, é

bem provável que, em alguns casos, a rotina e a execução de tarefas comuns realizadas reiteradamente por indexadores, como a leitura e a indexação de documentos de uma área profundamente conhecida, prejudiquem o desenvolvimento de competências desejáveis para alcançar um nível de excepcionalidade na representação dos assuntos.

Seguindo esta linha de raciocínio, é razoável pensar que os anos de prática mais prejudicam que aumentam a qualidade do trabalho prestado pelo leitor profissional, caso as técnicas metacognitivas e a prática consciente e intencional não tenham sido incorporadas pelo indexador. Para tanto, deveríamos comparar os resultados das investigações e as representações dos profissionais, para entender melhor as estratégias metacognitivas desses profissionais de êxito elevado.

Acreditamos ser importante abrir uma nova linha de investigação e pesquisar o comportamento do leitor indexador com desempenho excepcional, tal como mencionado. Nesse caso, o estudo de qualquer indexador, ou do mais experiente em termos de tempo de atuação, ou do recém-formado, trariam menos contribuições que o estudo das estratégias mentais adotadas pelos verdadeiros *experts*, aqueles que se autocorrigem, expandem seus próprios limites, detectam incongruências e propõem hipóteses, pois atuam como seus próprios professores no processo de representação.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desafio para a Ciência da Informação é desenvolver técnicas de pesquisa para se chegar aos melhores indexadores, pois a variável tempo de atuação já não é suficiente. Sobretudo, devemos substituir a noção de experiência do indexador por experimentação guiada por uma prática deliberada ou intencional, e tentar conhecer os melhores profissionais a partir do nível de prática consciente associada ao êxito das tarefas realizadas. As estratégias cognitivas e metacognitivas devem ser o foco dos estudos futuros aliados a teoria da *expertise*.

Para tanto, devemos pensar que o tempo de execução de uma atividade vale menos que a qualidade dos resultados, pois, ao fim e ao cabo, é isso que se espera dos futuros profissionais, isto é, conjugar tempo de realização da tarefa e qualidade da representação. Devemos questionar o

pressuposto que sustenta que a qualidade de uma representação, do assunto de um documento, depende unicamente do tempo disponível para leitura e representação, resumido pela máxima: quanto mais tempo de atuação e experiência, melhor a qualidade da representação.

Acreditamos que os estudos futuros sobre a prática consciente do profissional *expert* em situações concretas de leitura documental, aliados ao conhecimento da leitura documental com base na metodologia do Protocolo Verbal, poderão confirmar e esclarecer as questões aqui lançadas.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, C. C.; FUJITA, M. S. L.; REIS, D. M. Peircean semiotics and subject indexing: contributions of speculative grammar and pure logic. *Knowledge Organization*, Baden-Baden, v. 40, n. 4, p. 225-241, 2013.
- BROWN, A. L. Metacognitive development and reading. In: SPIRO, et al. (Org.). *Theoretical issues in reading comprehension*. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates Publishers, 1980. p. 453-481.
- CAVALCANTI, M. C. *I-n-t-e-r-a-ç-ã-o leitor-texto*: aspectos de interpretação pragmática. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1989.
- CINTRA, A. M. C. Estratégias de leitura em documentação. In: SMIT, J. W. (coord.). *Análise documental: a análise da síntese*. 2. ed. Brasília: IBICT, 1987. p. 29-37.
- ERICSSON, A. POOL, R. *Direto ao ponto*: os segredos da nova ciência da expertise. Belo Horizonte: Gutenberg, 2017.
- ERICSSON, K. A.; PRIETULA, M. J.; COKELY, E. T. O cultivo de um expert. *Harvard Business Review*, Brasil, jul. 2007. Disponível em: <https://hbrbr.uol.com.br/o-cultivo-de-um-expert>. Acesso em: 18 mar. 2019.
- ERICSSON, K. A.; RORING, R. W.; NANDAGOPAL, K. Giftedness and evidence for reproducibly superior performance: an account based on the expert performance framework. *High Ability Studies*, Abingdon, v. 18, n. 1, p. 3-56, Jun. 2007.
- FAERCH, C.; KASPER, G. Process and strategies in foreign language and communication. *Interlanguage Studies Bulletin*, Utrecht, v. 5, n. 1, p. 47-118, 1980.
- FUJITA, M. S. L. *A leitura documentária do indexador*: aspectos cognitivos e lingüísticos influentes na formação do leitor profissional. 2003. Tese (Livre-Docência em Análise Documentária e Linguagens Documentárias Alfabéticas) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2003.

- FUJITA, M. S. L. *A leitura documentária na formação inicial do indexador: a abordagem sociocognitiva na investigação de estratégias de ensino*. Marília: FFC/UNESP, 2007. 115 p. Relatório final de pesquisa-Bolsa PQ-CNPq.
- FUJITA, M. S. L.; NARDI, M. I. A.; SANTOS, S. A leitura em análise documental. *Transinformação*, Campinas, v. 10, n. 3, p. 13-31, set./dez. 1998.
- GIASSON, J. *A compreensão na leitura*. Lisboa: Asa, 1993.
- GOODMAN, K. S. Reading: a psycholinguistic guessing game. *Journal of the Reading Specialist*, v.6, n.4, p.126-35, 1967.
- GOUGH, P. B. One second of reading. In: KAVANAGH, V. F.; MATTINGLY, I.G. (ed.). *Language by ear and eye: the relationships between speech and reading*. [S. l.]: MIT, 1972. p. 353-378 .
- KATO, M. *O aprendizado da leitura*. São Paulo: Martins Fontes, 1985.
- KLEIMAN, A. *Leitura: ensino e pesquisa*. Campinas: Fontes, 1989.
- LARA, M. L. G. A leitura documentária: algumas considerações. *Caderno de Análise Documentária*, São Paulo, n. 1, p. 53-65, maio 1994.
- LEFFA, V. J. *Aspectos da leitura*. Porto Alegre: Sagra, 1996.
- NARDI, M. I. A. *As expressões metafóricas na compreensão de texto escrito em língua estrangeira*. 1993. 260 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas) - Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 1993.
- PINTO MOLINA, M. *Análisis documental: fundamentos y procedimientos*. 2. ed. rev. aum. Madrid: EUDEMA, 1993.
- PINTO, M.; GÁLVEZ, C. *Análisis documental de contenido: procesamiento de información*. Madrid : Síntesis, [1996].
- RUMELHART, D. E. Toward an interactive model of reading. In: DORMICLI, S. (org). *Attention and performance XL*. [S. l.]: Lawrence Erlbaum Associates, 1977. p. 719-747.